



Importância de Oficinas na prática de mídia educação na perspectiva da comunicação comunitária¹

Dra. Luzia M. Yamashita Deliberador²

Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR
Faculdade Maringá, Maringá-PR

Resumo

O trabalho apresenta a possibilidade de articulação da práxis da mídia-educação com os pressupostos da Comunicação Comunitária buscando utilizar a linguagem do jornal para a formação de jovens participativos e comprometidos com a sua realidade. O objeto tomado para descrição e análise neste trabalho consiste na importância de desenvolver oficinas práticas para a produção de um jornal escolar. Avaliamos a produção de dois números do jornal “*AMB – a notícia pra você*”³, um antes das oficinas para os jovens e outro depois da realização de oficinas de Identidade, Cidadania, relação com a comunidade, leitura crítica da mídia e elaboração de um jornal. Os resultados obtidos quando desenvolvidos a partir das oficinas demonstram o comprometimento destes jovens com a sua realidade.

Palavras-chave

Mídia educação; comunicação comunitária; oficinas; cidadania; jornal escolar.

Introdução

Atualmente, a escola e a família já não são mais as instituições que, exclusivamente, assumem e se encarregam da Educação, uma vez que a mídia tem tomado para si esse papel. Nesse sentido, pensar em educação através dos meios de comunicação, que prepare receptores críticos, conscientes e capazes de produzir uma resposta a esses meios, torna-se uma necessidade. Um fator essencial para o progresso do ser humano é a sua cidadania, ou seja, a possibilidade fazer-se sujeito da própria história e da história coletiva. Essa condição, porém, depende de fatores educacionais, organizacionais, informativos e comunicativos. Tais fatores são partes integrantes de todo processo de aprendizagem do cidadão. Assim, o aluno poderá ser levado a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XI Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, setembro de 2011.

² Doutora em Ciência da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, ECA/USP. Professora do Curso de Pós Graduação *lato sensu* em Comunicação Popular e Comunitária da Universidade Estadual de Londrina e do Curso de Jornalismo da Faculdade Maringá. Membro do Núcleo de Estudos de Comunicação Comunitária Local (COMUNI). E-mail: adeli@sercomtel.com.br

³ Jornal produzido pelos estudantes do Colégio Estadual Antônio de Moraes Barros, de Londrina – PR, durante o período de agosto a dezembro de 2010



participar do processo de aprendizagem, ampliando suas reflexões. Neste contexto, há a substituição do professor detentor do saber para o construtor, através de um ambiente desafiador, para que os alunos sejam sujeitos na busca do conhecimento, surgem novas perspectivas sobre o fazer pedagógico: discute-se a necessidade de respeito ao contexto social do aluno e a preocupação em desenvolver suas capacidades, respeitando as diferenças que orientam as ações do indivíduo, por meio de estratégias diferenciadas de ensino-aprendizagem.

Tendo por meta a formação cidadã dos sujeitos envolvidos, afim de que possam ter e lutar por suas metas e ambições, este trabalho baseou-se na linha de educação não-formal definida por Maria da Glória Gohn:

A educação não- formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania(GOHN, 2006 ,p. 29).

Neste viés, as oficinas para elaboração do jornal escolar foram realizadas às 3ª e 5ª feiras, em contraturno escolar, no período vespertino das 13h30-15h30. No final do projeto, a oficina foi estendida para a 6ª. feira também. Participaram onze alunos, dentre os quais dez da 8ª série do ensino fundamental e um da 1ª série do ensino médio, todos na faixa etária entre 14 e 15 anos. A inscrição para a atividade era voluntária, sem processo de avaliação ou ascensão na série e sem a obrigação do cumprimento do conteúdo curricular.

O jornal já era uma veículo comunicativa da escola estadual Antonio Moraes de Barros e depois de várias tentativas frustradas, a professora de inglês assumiu e solicitou a nossa contribuição. Indicamos a aluna⁴ do curso de pós graduação *lato sensu* em Comunicação Popular e Comunitária para desenvolver o projeto sob a nossa orientação. O objetivo era a formação cidadã e motivar os alunos à participação e comprometimento maior com a escola e seu bairro. Quando falamos em formação cidadã, recorreremos à definição de Cicília Peruzzo:

Falar em sujeito é falar em cidadão. E ser cidadão não é só ter o direito de votar e ser votado, de ir e vir, de interferir ao nível político, ter seus direitos

⁴ Jornalista Jheine Evelim da Silva.



assegurados legalmente e participar culturalmente. É também ter o direito de participar como sujeito da produção de bens e da sociedade e de gerir e usufruir, com igualdade, dos bens e da sociedade. Portanto participação é um ato político e um ato educativo (...). diz respeito não só a participação política, mas também sócio-econômico e cultural (PERUZZO, 1995, p.156).

O conceito de cidadania atrela-se igualmente ao termo participação. Conforme Peruzzo (2001, p.114), “a conquista da cidadania requer o envolvimento das pessoas, condicionando-se seu status de cidadãos à qualidade de participação”. Neste trabalho, estimulamos a participação dos alunos de forma espontânea, sem nenhuma obrigatoriedade, pois

A participação popular é algo construído dentro de uma dinâmica de engajamento social mais amplo em prol do desenvolvimento social e que tem o potencial de, uma vez efetivada, ajudar a mexer com a cultura, a construir e reconstruir valores, contribuir para maior consciência dos direitos humanos fundamentais e dos direitos de cidadania, a compreender melhor o mundo e o funcionamento dos próprios veículos de comunicação de massa. Se revelam assim como espaço de aprendizado das pessoas para o exercício de seus direitos e a ampliação da cidadania (PERUZZO, 2001, p.11)

Entre as diversas razões para a atualidade do termo cidadania, uma constitui o alicerce sobre qual se assentam as demais: “a necessidade, nas sociedades pós-industriais, de gerar entre seus membros um tipo de identidade na qual reconheçam e que os façam sentir pertencentes a elas” (CORTINA, 2005, p.16). Para alcançar este engajamento social mais amplo buscamos na mídia-educação na perspectiva da comunicação comunitária a base para desenvolver as oficinas, uma vez que que tal práxis pode incorporar elementos que a tornem importante instrumento para promover um sentimento de pertença e, conseqüentemente, incite a promoção de um sujeito atuante, crítico e comprometido com a sua realidade. As oficinas desenvolvidas com os jovens tiveram como temática: Identidade; Cidadania; Relação com a Comunidade; Leitura Crítica da Mídia; Histórico, conceito e tipos de jornal; Redação de textos para o jornal;Elaboração e edição de jornal; Visita à redação de um jornal diário; Impressão e distribuição.

O objetivo deste artigo consiste em evidenciar a importância das oficinas desenvolvidas com estes alunos para o processo de formação cidadã tanto em relação aos meios de comunicação quanto aos ideais de pertença e comprometimento. O *corpus* se debruça nos conteúdos ministrados nos sete temas de oficinas ministradas na escola estadual Antonio Moraes de Barros e a sua influência no processo formativo dos envolvidos, considerando a apresentação de dois exemplares do jornal produzido pelos



educandos, um anterior e outros posterior às oficinas, além de projetos semelhantes que utilizaram a mesma técnica. O intuito é demonstrar a transformação do conteúdo das matérias publicadas nos jornais e a própria postura dos alunos em relação à escola após a intervenção social. Este estudo centra-se na metodologia de pesquisa-ação e alinha-se aos pressupostos da mídia educação na perspectiva da comunicação comunitária e da formação cidadã.

Mídia educação na perspectiva da comunicação comunitária

O entendimento da mídia educação na perspectiva da comunicação comunitária vem sendo debatido e praticado no cerne das propostas da pós graduação *lato sensu* em Comunicação Popular e Comunitária da Universidade Estadual de Londrina e nas disciplinas de comunicação comunitária e mídia educação da Faculdade Maringá, onde argumenta-se que

Ao aliar a educação através da mídia com propostas que estejam embasadas na realidade dos educandos, visando não somente um processo de leitura crítica da mídia ou o processo de cognição interferido pela mediatização da sociedade, mas que estes jovens possam também fazer uso destes meios para o desenvolvimento de sua comunidade e para o fortalecimento de um sentimento de pertença, a mídia educação toma para si uma formação cidadã arraigada na reflexão crítica da realidade (DELIBERADOR e LOPES, 2011, p.94)

Para Mônica Fantin (2006, p.86), a mídia educação pode ocorrer nas dimensões de educação com, sobre e através dos meios de comunicação, que situam os meios de comunicação como instrumento de aprendizagem, objeto de estudo e forma de cultura, respectivamente. Segundo a autora, a mídia educação possui uma interface com o campo educativo e também o comunicativo. A utilização das diversas mídias para a aproximação dos campos da cultura, da educação e da cidadania por meio da mídia educação possibilita a esta consolidar-se como uma prática social. Fantin (2006 p 36-37) afirma que:

A mídia-educação [...] pode ser entendida como prática social em contextos não só extra-escolares [...] E no encontro da dimensão do “fazer a partir dos sentidos culturais” da sociedade, com a dimensão do “ensinar-aprender a fazer com significado” da educação, podemos configurar uma reaproximação entre cultura e educação, pois nesta perspectiva a mídia-educação pode ser uma possibilidade frente aos desafios de reaproximar cultura, educação e cidadania.



A comunicação comunitária, assim como a mídia educação, se concretiza como uma prática social na qual a conscientização dos sujeitos para a busca do exercício da cidadania é um dos seus focos. Miani (2006 p. 07) ressalta que:

Considerando a comunicação comunitária como o processo de produção de experiências comunicativas, portanto uma prática social, desenvolvido no âmbito de uma comunidade com vistas à conquista da cidadania, através de práticas participativas, [...] admitimos que essa modalidade de prática comunicativa participa de maneira significativa no processo de disputa pela hegemonia no campo da comunicação.

A atenção do indivíduo sobre as mídias e, conseqüentemente a isto, a sua capacidade de analisar criticamente o que está sendo veiculado pelos meios de comunicação provocada pela comunicação comunitária leva à formação de um receptor crítico. Este se constitui, igualmente, como um dos objetivos da práxis da mídia educação que se articula na avaliação ética e estética do que vem sendo oferecido pelos meios de comunicação, na busca por uma interação mais crítica e produtiva com esses suportes e conteúdos midiáticos (FANTIN, 2006).

O uso do jornal no espaço escolar

Por intermédio do jornal escolar são estabelecidos elos entre a educação e a sociedade, propiciando que os alunos saiam das quatro paredes da escola e adentrem a amplitude de conhecimento de mundo que esse veículo apresenta, tendo assim contato com o mundo atualizado. De acordo com Freinet (1967, p.83) “o jornal escolar é um inquérito permanente que nos coloca à estrutura do mundo e é uma janela ampla, aberta sobre o trabalho e a vida”. Com o desenvolvimento do jornal nos espaços educativos os muros da escola são transpostos possibilitando assim a imersão no meio social, no qual a abordagem dos fatos e acontecimentos sociais gera a proximidade entre o estudante e a sociedade. Freinet também destaca o jornal escolar como algo que alcança a função educativa e que, além disso, acrescenta á escola uma atividade social, apresentando um novo tipo de escola. Assim,

O jornal escolar é uma produção, uma obra ao alcance das nossas classes e que toca profundamente no essencial da nossa função educativa. Põe-nos no caminho de uma fórmula nova de escola, aquela escola do trabalho cuja necessidade começamos a sentir, que já não trabalha segundo normas intelectualizadas, mas sim com base numa actividade social (FREINET, 1967, p.86)



A presença deste veículo comunicativo na escola pode despertar nos estudantes a colaboração para com o ambiente social, tomando como exemplo o trabalho coletivo por eles realizados nas diferentes etapas da produção do jornal, conforme nos ratifica o pedagogo francês para quem “o jornal escolar é um trabalho de equipe que faz a preparação prática para a cooperação social das crianças” (FREINET, 1967, p. 107). Ao analisar o jornal como proposta pedagógica, Joana Cavalcanti (2003, p.33) afirma que:

Tudo é leitura, porque tudo passa pela percepção e compreensão, assim quando trabalhamos com o jornal em sala de aula, utilizando-o como recurso gerador e provocador do conhecimento, estamos assumindo uma postura efetivamente dinâmica, dando possibilidade ao educando de interagir com o seu momento histórico-social. Dessa maneira criamos não somente indivíduos atuantes no mercado de trabalho, mas pessoas sensíveis aos projetos de desenvolvimento do seu país, cidades, enfim, pessoas atentas à sua condição de cidadania.

Portanto, o jornal escolar se apresenta como um mobilizador de ações que provoca nos estudantes o despertar para uma consciência crítica do que acontece ao seu redor. Não apenas o despertar, mas também, ações que possibilitarão aos sujeitos a participação social.

A experiência das oficinas na escola estadual Antonio Moraes de Barros

As oficinas da escola estadual Antonio Moraes de Barros foram realizadas entre os meses de agosto a dezembro de 2010, com onze alunos participantes. A utilização da técnica de oficinas no campo da Comunicação procura contribuir com os modos de expressão nos redutos populares e foi selecionado para ir de encontro com os ideais de Paulo Freire, que salienta a necessidade de uma participação ativa e decisiva no modo de ensinar, no qual o aprendizado não deve vir apenas do educador, mas também do educando. Assim, ocorrer a libertação do cômodo, do alheio e do neutro.

Ao experienciá-lo, num ato que necessariamente é corajoso, decidido e consciente, os homens já não se dizem neutros. A neutralidade frente ao mundo, frente ao histórico, frente aos valores, reflete apenas o medo que se tem de revelar o compromisso. Este medo quase sempre resulta de um “compromisso” contra os homens, contra sua humanização, por parte dos que se dizem neutro (FREIRE, 2001 p. 19).

Baseada nesta concepção dialógica do ato de educar, a metodologia das oficinas buscou a indispensável colaboração de ambos os lados, ou seja, tanto dos pesquisadores quanto da unidade pesquisada, pois assim colocou-se em prática a concepção de que “a



educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém” (IDEM p. 28). As oficinas sempre priorizaram o coletivo e o respeito aos colegas que muitas vezes possuíam uma opinião diferente, sendo elaboradas no primeiro encontro as regras de convivência por todos os participantes. As oficinas desenvolvidas com os jovens tiveram como temática: Identidade; Cidadania; Relação com a Comunidade; Leitura Crítica da Mídia; Histórico, conceito e tipos de jornal; Redação de textos para o jornal; Elaboração e edição de jornal; Visita à redação de um jornal diário; Impressão e distribuição.

Oficina de Identidade

O tema Identidade serviu para que os alunos participantes conhecessem um pouco mais sobre si próprios. Segundo Paulo Freire (2007, p.27), “o homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca”. Trata-se de uma discussão destinada ao reconhecimento de si próprio, à busca por suas potencialidades, suas limitações e seus objetivos, à reflexão sobre si próprio e sua história. Nesta oficina, sentados em círculo, os participantes relataram a história da sua família, desde suas origens mais remotas; quem são e de onde vieram seus pais, avós ou bisavós, quais caminhos trilharam até os dias atuais, quem são, o que fazem, onde e como vivem etc.; até chegar na própria pessoa que está relatando, a qual deve narrar a sua própria história, o que já fez, onde morou, onde estudou etc. até os dias atuais. Foram distribuídas massas de modelar e solicitou-se que eles fizessem a sua carinha. Após moldarem as figuras, eles falaram um pouco de si e explicaram o porquê daquela representação. Por mais que houvesse agitação por parte dos alunos, logo que distribuída a massa de modelar, eles começaram a produzir. Alguns ficam sem saber o que criar, outros se prontificavam a ajudar. Ao falar sobre a imagem produzida, eles acabam descrevendo de como ele se enxerga.

Oficina de Cidadania

Na primeira etapa da oficina discutiram-se os significados para a palavra cidadania, o que é ser cidadão e ainda os deveres e direitos de cada um. Em seguida, foram apresentados três vídeos sobre o tema e logo após a exibição foi aberta uma



discussão sobre o assunto. Já na segunda fase, os alunos dividiram-se em grupos para contar uma situação em que vivenciaram um exemplo de ação cidadã, além de proporem formas de participação na promoção da cidadania na escola e no bairro onde moram. Esta atividade teve como objetivo possibilitar aos alunos uma reflexão sobre o que é cidadania, o que fazem para construir e melhorar a imagem da comunidade em que vivem. Os depoimentos foram escritos em cartazes e um jovem de cada grupo apresentou a resposta para toda a sala. A exposição resultou em diversos questionamentos, debates e observações sobre discriminação e exclusão social. Para a maioria dos jovens do projeto o termo cidadania é o exercício do voto e está ligado a dinheiro e oportunidade. Segundo declarações dos próprios, eles sofrem discriminação pela classe social, as pessoas os vêem como marginais por morarem na periferia da cidade e os mais favorecidos economicamente possuem mais oportunidades. É evidente o desconforto que eles têm em relação a essa imagem criada. Ao julgar e discriminar, a sociedade estabelece um bloqueio aos direitos desses jovens.

O rótulo acaba se sobrepondo ao movimento que parece empurrar as pessoas, os pobres, os fracos, para fora da sociedade, para fora de suas “melhores” e mais justas e “corretas” relações sociais, privando-as dos direitos que dão sentido a essas relações. Quando, de fato, esse movimento as está empurrando para “dentro”, para a condição subalterna de reprodutores mecânicos do sistema econômico, reprodutores que não reivindicam nem protestam em face de privações, injustiças e carências. (MARTINS, 1997, p. 16-17)

Essa oficina mostrou aos alunos que o conceito de cidadania não é puro e unicamente o ato de votar, e sim, que expressa uma conjuntura de direitos que dão possibilidades de participar ativamente da vida social, tomando decisões de interesses coletivos, conforme Peruzzo (1995, p.156) reflete

Porque falar em sujeito é falar em cidadão. E ser cidadão não é só ter o direito de votar e ser votado, de ir e vir, de interferir ao nível político, ter seus direitos assegurados legalmente e participar culturalmente. É também ter o direito de participar como sujeito da produção de bens e da sociedade e de gerir e usufruir, com igualdade, dos bens e da sociedade. Portanto participação é um ato político e um ato educativo (...). diz respeito não só a participação política, mas também sócio-econômico e cultural.

A percepção acerca dos direitos, dos deveres, das possibilidades de reivindicação e mudança é intrínseca à cidadania. De acordo com Dallari (1998), o



conceito de cidadania significa a auto-conscientização para o abandono da condição de excluído da esfera social.

A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social (DALLARI, 1998, p.14)

Oficina Relação com a Comunidade

A oficina de Relação com a Comunidade teve como objetivo levar o jovem à reflexão sobre o seu bairro a sua escola e despertar o sentimento de pertença, uma vez que eles puderam conhecer um pouco mais o lugar onde residem⁵. Na primeira etapa, eles ficaram em círculo e foi pedido para que apresentassem informações do lugar onde moram, aproveitando para convidar os colegas a conhecerem tais localidades. Já na segunda fase, foi proposta a elaboração de uma carta destinada à prefeitura do município. Entende-se que a interferência na comunidade ao qual o jovem está inserido é uma maneira de, segundo Freire (2007, p.30) “conseguir que o educando reflita sobre a própria realidade. Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”. Além disso, trabalhando com esses conceitos e aplicando tais oficinas, promove-se a libertação de indivíduos para uma conscientização da realidade em que estão inseridos.

Em alguns projetos semelhantes, solicitamos que os participantes fotografem a sua escola, o seu bairro, o lugar que ele mais gosta e o que menos gosta. Solicitamos também que cada um descreva as razões que os levaram a focar aquelas imagens, dos locais onde eles menos gostam, e o que eles fizeram para melhorar. Esta pergunta os incomoda bastante, e a resposta normalmente recai na compreensão de que não sentem capazes ou que é um problema da administração municipal ou estadual. Quando indagados o que gostariam de fazer para solucionar aquele problema, eles decidem escrever carta ao titular da administração municipal, nós providenciamos a entrega pessoalmente ao prefeito e abrimos discussão com o mesmo, eles constatam que são cidadãos que podem dialogar com as autoridades.

⁵ Na oficina anterior, foi entregue a eles um questionário sobre o bairro. As perguntas eram sobre o que gostavam ou não, os pontos positivos e negativos e o que fariam para mudar a realidade de onde residem.



Oficina de Leitura Crítica da Mídia

A oficina de Leitura Crítica da Mídia teve como objetivo principal desenvolver o senso crítico perante os meios de comunicação e mostrar como a mídia influencia na opinião dos indivíduos. Para atingir esses resultados propomos a análise dos programas preferidos pelo grupo. Instigamos a análise e identificação dos pontos positivos e negativos do conteúdo assistido. O que chama a atenção dos mesmos, personagens que mais gostam e as razões, o que ele transmite? Qual a ideologia do veículo? O que é a sociedade de massa e de consumo?

Eles fazem o exercício de assistir vários noticiários ou ler vários jornais e analisar o mesmo assunto enfocado de formas diferentes nos diversos veículos. Outro exemplo de exercício consiste em trazer vários jornais com reportagens do seu bairro ou de sua escola. Eles as lêem, assistem e constataam os enfoques dados a uma realidade que já conhecem, ficando mais claro os diferentes olhares da mídia.

Oficinas sobre o jornal:

As oficinas sobre o jornal se desmembraram em cinco aspectos: o histórico, o conceito e os tipos de jornal; a redação de textos para o jornal; a elaboração e edição de jornal; a visita à redação de um jornal diário; a impressão e distribuição de exemplares. Estas cinco oficinas tiveram como objetivo propiciar aos alunos o conhecimento do veículo impresso e a elaboração do jornal escolar, do qual eles participaram ativamente de todo o processo. A visita a uma redação de um jornal foi importante para que eles conhecessem as etapas da produção de um jornal e conversassem com os jornalistas, tirando suas dúvidas. Na oficina de impresso o objetivo foi apresentar um jornal impresso. Os participantes leram matérias, criticaram. Foi explicado como escrever textos para um jornal, alguns princípios básicos para elaboração de textos, a apresentação dos elementos para produção de um jornal, diagramação, importância da circulação do jornal e do fotojornalismo. Essas foram questões discutidas antes da produção. Os jovens redigiram os textos, fazendo entrevistas entre eles, discutiram e definiram a pauta.

O exemplar do jornal antes das oficinas

No início do mês de novembro de 2010 foi impresso o primeiro número do jornal “AMB – A notícia pra você”, que foi elaborado sem a realização das oficinas com



a jornalista-pesquisadora, que apenas orientou a redação final e a diagramação do veículo, um tablóide de oito páginas. As matérias principais foram: “Parabéns Moraes⁶ pelos seus 40 anos” e “Moda na escola, cores e acessórios são fundamentais no look escolar”. A escola determina o uso de uma camiseta como uniforme e a reportagem sugeria alternativas de vestimentas e acessórios para realçar a beleza dos alunos. Na segunda havia um editorial chamando para a comunidade escolar participar do jornal e a outra matéria: “Destaques dos projetos escolares” enfatizando os projetos realizados na escola. A terceira página continha a biografia de uma ex-diretora do colégio e uma matéria sobre “Os cuidados que aliviam doenças respiratórias na época de seca e verão”. Na página seis, uma coluna intitulada “Mundo da música” falando da Lady Gaga e outra matéria falando sobre “Estilos musicais no AMB”. Na sétima página, uma reportagem sobre “A prática de esportes no AMB”, Talentos escolares, lista de alunos sem especificar o projeto ou a área em que o aluno é destaque e uma piada na página. A última página do jornal continha uma piada, uma tirinha e uma cruzadinha.

O exemplar do jornal após oficinas

O jornal foi impresso em formato tablóide com oito páginas e elaborado após a participação dos alunos nas oficinas ministradas pela jornalista-pesquisadora. A matéria de capa era “Acompanhe algumas sugestões de melhorias para a nossa biblioteca”, na qual há as opiniões e sugestões de três alunos e da bibliotecária para a melhoria na organização, falta de computadores para pesquisa, mais silêncio no ambiente, necessidade de bibliografias mais específicas por matérias e de jornais. A segunda reportagem de capa, “O Uso do uniforme no AMB”, promoveu um debate sobre o assunto entre os alunos da escola. O Colégio adota calças devem ser de jeans e *leggings* escuro e é proibido o uso de shorts. As camisetas são padronizadas com símbolo da escola, lisa de cor cinza. A matéria ouviu a opinião de professores, alunos e funcionários sobre o tema. Segundo os alunos, os professores também deveriam usar uniformes.

Na página dois, além do editorial foi publicada uma matéria de dois alunos intitulada “Para refletir – Direitos Iguais a todos?” Eles questionam se todos cobram seus direitos e cumprem seus deveres em relação ao uso dos uniformes, à proibição do *bullyng*, ao uso de aparelhos eletrônicos (principalmente celulares e aparelhos de som). A matéria

⁶ Moraes se refere o Colégio Estadual Antonio de Moraes Barros, chamado pelos alunos de Moraes.



questionou se o *bullying* silencioso que acontece no ambiente escolar é investigado? Será que estão sendo cumpridas as regras internas pelos professores, funcionários e alunos? Na terceira página, dois alunos redigiram a matéria sobre a “A Importância da merenda escolar”, entrevistando colegas e a merendeira do colégio que sugeriam que a escola poderia ter a orientação de uma nutricionista para adequar o cardápio de acordo com as qualidades nutricionais dos alimentos e necessidade de desenvolvimento físico e cognitivo dos alunos. As outras matérias nesta página foram um relato sobre a visita à redação de um jornal diário na cidade e a outra, a cobertura da Semana do Moraes, a semana cultural que aconteceu no início do mês no colégio.

Na página seis, existem duas matérias, uma sobre “Ecologia, uma questão de cidadania” e a outra sobre “*Bullying*”, além da coluna de opinião do leitor. Na primeira matéria, o aluno apontou os deveres dos alunos enquanto cidadãos com relação ao meio ambiente. A reportagem mostra algumas atitudes que podem ser modificadas no âmbito do colégio, existe uma área abandonada no terreno que poderia ser um ponto de área verde, que contribuiria para melhorar o ambiente da escola e chama a atenção para a importância da preservação ambiental. Depois da produção da notícia, este aluno teve a ideia de desenvolver um projeto de um ponto na escola de coleta de pilhas, pois, segundo ele: “as pilhas devem ser descartadas corretamente caso contrário pode contaminar o solo e assim ser prejudicial ao meio ambiente”. O estudante disse que queria colaborar de alguma forma com o meio ambiente e assim, estimular os colegas a colaborar também. Ele desenvolveu o projeto e apresentou à direção da escola. A diretora ficou surpresa com a atitude do aluno. Devido às questões burocráticas, o projeto ainda não saiu do papel. O aluno ao redigir a matéria despertou para a consciência ambiental e tomou a iniciativa de elaborar o projeto e segundo ele vai cobrar da diretora até a sua execução. A pauta da reportagem “*Bullying*” foi sugestão do próprio autor. A matéria deixa claro o que é esta prática, como acontece e quais são as atitudes a serem tomadas. O aluno descreve ainda uma pesquisa que ele mesmo fez apontando casos de *bullying* ocorridos no colégio.

A matéria intitulada “Campeonato esportivo de final de ano gera expectativas nos alunos” foi alocada na página 07 e demonstrou que vários alunos participariam do campeonato entre as turmas que acontece em dezembro no colégio e dão depoimento de suas expectativas, como estão se preparando e convidando outros colegas para participarem. Nesta página também se encontra outra reportagem com dicas para as



férias. A página oito tem o nome de “Divertindo” e possui caça-palavras de final de ano, piada e a lista de músicas que embalaram o ano de 2010.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho consistiu demonstrar a importância de oficinas que trabalhem voltadas para a pertença e o comprometimento nos trabalhos envolvendo a mídia educação para que se forme um sujeito crítico ao que se refere ao processo comunicativo e ao seu comprometimento com a realidade envolvida. As oficinas apresentadas e ministradas na escola estadual Antonio Moraes de Barros propiciaram aos participantes momentos que os permitiram discutir os assuntos do cotidiano escolar, de sua família e de seus grupos, e refletiram sobre esta realidade. Mesmo sendo uma atividade sem obrigatoriedade de presença, eles não faltaram. Os mais tímidos aos poucos foram emitindo suas opiniões e no final foram os que mais surpreendem. Os alunos considerados hiperativos e que causavam problemas na sala de aula, foram os mais produtivos e muitas vezes os líderes da turma na elaboração de um produto midiático, pois eles conseguiam colocar a criatividade e criticidade nas questões.

Notou-se, ao comparar-se o primeiro número do jornal e o segundo, as diferenças que vão desde o título das matérias, conteúdo, forma de abordagem e o mais importante a mudança nas atitudes, como caso do aluno que quer instalar um posto de recolhimento de pilhas usadas. Pudemos constatar que no exemplar publicado após a realização das oficinas, as matérias possuíam um caráter reivindicatório, tais como a melhoria na merenda escolar, contratação de uma nutricionista, melhoria na biblioteca ou até de denúncia, a exemplo da demonstração do pátio do colégio um local abandonado, de haver muita bagunça na biblioteca, da falta de computadores na biblioteca para pesquisa, da pesquisa sobre os casos de *bullying* no colégio, com o cuidado de ouvir várias opiniões, muitas vezes de posições contrárias. Daí a riqueza no sentido de propiciar discussões de idéias.

Um dos alunos que participou ativamente da elaboração do jornal presenciou um colega jogando um exemplar no lixo, no mesmo momento ele cobrou: se é para jogar no lixo, não devia ter pego, pois deu muito trabalho a sua elaboração e estão faltando exemplares para muita gente. Esta atitude demonstrou o comprometimento e o reconhecimento dos alunos durante todo o processo.



Referências bibliográficas

CAVALCANTI, Joana. **O Jornal como Proposta Pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2003.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo, para uma teoria da cidadania**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

DALLARI, D. A. **Direitos Humanos e Cidadania**. 1 °. ed. São Paulo: Moderna, 1998.

DELIBERADOR, L. M. Y. & LOPES, Mariana Ferreira. Mídia Educação e a formação cidadã: análise das oficinas de rádio da escola municipal Olavo Soares Barros de Cambé. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. – Revista Brasileira de ciências da Comunicação. V.34, n.1, jan/jun.2011, São Paulo: Intercom, 2010, p.85-103.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006

FREINET, Célestin. **O Jornal Escolar**. Lisboa: Editorial Estampa, 1967

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. 24° Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 2007

_____. **Pedagogia da Autonomia - saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. In: Ensaio: aval.pol.publ.Educ, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p.27-38, jan/mar. 2006

MARTINS, José de Souza. **Exclusão Social e a Nova Desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997

MIANI, Rozinaldo Antonio. **Comunicação comunitária: uma alternativa política ao monopólio midiático**. Niterói, 1°. Encontro da ULEPICC-Brasil, 2006.

PERUZZO, Cecília M.K. **Comunicação e Culturas Populares**. Coleção GT'S – Intercom n° 5, SP, - Intercom/CNPQ/FINEP, 1995

_____. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania**. São Paulo: PCLA –v.4 – n. 1, out. / nov. / dez., 2001.